

[A questão abaixo corresponde ao ponto 10: O capitalismo contemporâneo, a autofagia do capital e a questão ambiental]

Questão 10:

“E todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade. Quanto mais um país, como os Estados Unidos da América do Norte, tem na grande indústria o ponto de partida de seu desenvolvimento, tanto mais rápido se mostra esse processo de destruição. Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador” (Marx, 2013, p.703).

Em seu livro *A sociedade autofágica*, Anselm Jappe evoca o mito de Erisícton como metáfora do caráter desmedido da acumulação de capital e da tendência das sociedades modernas, nas quais vigora o modo de produção capitalista, a produzir uma deriva suicidária. Uma de suas expressões contemporâneas diz respeito aos impactos ambientais da ação antrópica, e em particular a intensificação e o espraiamento de eventos climáticos extremos. Tais fenômenos contribuíram para atualizar o debate sobre o eventual colapso do capitalismo. Analise a noção de autofagia do capital à luz das determinações fundamentais do capitalismo e de sua evolução a partir da crise do fordismo.

Chave de resposta:

Autofagia do capital é inerente ao capital e aqui importa discutir como essa noção se sustenta teoricamente e mostrar como se expressou historicamente a partir da crise do fordismo.

- Sobre a noção de autofagia no interior da crítica marxiana da economia política : aventar as tendências e determinações fundamentais da acumulação de capital: o capital e sua “sede desmedida por mais-valia”; o capital como “contradição em processo”; a imanência das crises e as tendências elementares da acumulação (subsunção real do trabalho ao capital; elevação da composição orgânica; superpopulação relativa; queda da taxa de lucro; autonomização das formas sociais; sobreacumulação de capital, que se expressa eventualmente em crises financeiras, crises comerciais, crises de sobreprodução e crises interdepartamentais); o capital como valor que se valoriza, solapa seu fundamento, ao espoliar a natureza e o trabalho, o que se agudiza em contextos de crise.

-Reconstituir os determinantes históricos da crise do fordismo bem como as transformações assim engendradas na dinâmica do capitalismo mundial. No intuito de ilustrar como o caráter autofágico, imanente ao capital, se manifestou historicamente, enfatizar a necessidade de colonização de novas esferas da natureza e da vida social. Destacar também as múltiplas transformações no processo de trabalho, inclusive aquelas que permitiram o aumento da composição orgânica do capital e acentuaram o alijamento do trabalho vivo da produção. A dificuldade do capital de se reproduzir em escala ampliada teria sido dissimulada por um processo

de ficcionalização da produção, correspondente à proliferação das formas fictícias do capital e ao chamado processo de financeirização.

- Apontar a presença, já em Marx, dos elementos fundamentais que permitem construir uma crítica radical ao sistema do capital no campo da ecologia; relação, ou nexos causal, entre a reprodução ampliada do capital e o aquecimento global e, em regra geral, a devastação do ambiente; a ideia de que economia capitalista produz necessariamente a tragédia ambiental contemporânea, é ela a sua causa, enquanto o Estado e a vontade privada se mostram insuficientes, incapazes de regular essa expansão suicida/autofágica. Enfim, enfatizar a relação entre as dimensões econômica e ecológica da crise contemporânea, relacionando-as à tese da autofagia do capital.